

A CONTRA-REFORMA

META

Expor os termos em que se deram a Contra-Reforma e suas implicações durante a Idade Moderna.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

identificar as principais iniciativas da Igreja Católica para conter o avanço do protestantismo;

reconhecer a Contra-Reforma como um esforço da Igreja Católica para revigorar seus pilares diante das transições vivenciadas durante a Idade Moderna.

PRÉ-REQUISITOS

Leitura da aula sobre a Reforma Protestante. Noções da História da Igreja Católica no Medievo.



Detalhe do afresco Concílio de Trento, de Taddeo Zuccaro, feito entre 1560 e 1566.
(Fonte: <http://vemfazerhistoria.blogspot.com>).

INTRODUÇÃO

Concílio de Trento

Convocado pelo Papa Paulo III (1468-1549), a mais demorada reunião de bispos da Igreja Católica (1545-1563) objetivou garantir a disciplina dos religiosos e a fé católica unificada. Entre os seus resultados, aparecem: 1. A padronização da missa, sem autorização para variações locais ou mesmo nacionais; 2. O reconhecimento da autoridade do Papa sobre as demais instituições eclesiásticas; 3. Proibiu a venda das indulgências; 4. Criou seminários para formação sacerdotal (seria necessário agora ter ao menos 25 anos para ser ordenado padre e, pelo menos, 30 anos para ser um bispo); 5. Trouxe de volta a Inquisição.

A Reforma Protestante, tema da aula passada, provocou um abalo sem precedentes na Igreja Católica. Senhora da Europa durante séculos, controlada por clérigos habilidosos e dedicados, mas também por sacerdotes mais voltados aos negócios da fé do que aos fiéis, a Igreja viu inúmeras ovelhas deixarem seu rebanho numa migração prejudicial em todos os sentidos. Mas, uma instituição como esta, que já passara por guerras e epidemias, que convencera a reis e generais, que entrara no Medievo com força e pretensão de ocupar a lacuna deixada pelo Império Romano, não se deixaria atacar sem uma devida reação. Após a fissura provocada por Martinho Lutero e seguidores, o catolicismo empreendeu um conjunto de duras réplicas ao avanço protestante. Esta “resposta” ficou conhecida como Contra-Reforma.

Aliás, trata-se de um termo gerador de debates. Para alguns, sobretudo os historiadores católicos, a palavra “Contra-Reforma” é por demais agressiva. Melhor seria falar em uma Reforma Católica, mais sofisticada e incisiva do que a protestante. Porém, em lugar de entrarmos numa polêmica de palavras como esta, seria mais simples e relevante considerar tanto a Reforma quanto a resposta católica como movimentos ligados aos anseios dos religiosos por mudanças na vida e na postura dos cristãos desde os fins do medievo (Cf. MULLET Apud BERUTTI, FARIA, MARQUES, 2003).

Indubitavelmente a Igreja Católica precisava oferecer uma resposta. Afinal de contas, em golpes rápidos, ela havia perdido a Inglaterra, a Escandinávia, parte da Alemanha, e via os protestantes se projetarem sobre a França e Países Baixos. Regiões como a Boêmia, a Áustria e a Hungria também assistiam a avanços protestantes.



Conflitos religiosos na Europa da Contra-Reforma. Séculos XVI e XVII. Cf. Penguin Atlas of World History, Vol.2. From the French Revolution to the Present. Digitalizado e disponível em <http://cliomquestao.wordpress.com>.

A contra-ofensiva nos domínios da fé motivou um novo planejamento do catolicismo. Entre 1545 e 1563 (com interrupções), ocorreu o **Concílio de Trento**. Essa reunião clerical destinava-se a refletir sobre a doutrina católica, ajudando a rever também certas práticas que teriam sido alvo de críticas de diferentes setores. Como resultado do Concílio, algumas determinações foram tomadas em dois sentidos básicos: observam-se mudanças externas de forma a garantir a unidade da fé cristã. Por isto, as Escrituras continuaram como fontes da crença católica e reafirmou-se a primazia da Igreja na transmissão e interpretação da fé, sendo ela a única autorizada a interpretar a Bíblia. As possíveis peculiaridades nacionais na realização das missas foram suprimidas. Além disto, as boas obras continuaram sendo consideradas um meio de salvação. O culto aos santos e o uso de imagens também foram mantidos. Por outro lado, também ocorreram mudanças no âmbito interno. A Igreja tratou de disciplinar-se, preparando seus quadros para os novos tempos. Por isto, transformações impactantes ocorreram na formação sacerdotal. A obrigatoriedade da educação eclesiástica em seminários, a delimitação de idades mínimas para o sacerdócio e o bispado são medidas relevantes, que encaminham a Igreja Católica para um controle mais apurado dos seus sacerdotes.

Nesta busca por uma doutrinação mais acertada aos novos tempos, a Contra-Reforma acabou ajudando ao florescimento de novas ordens religiosas, dedicadas a deter os protestantes. A mais conhecida provavelmente foi a **Companhia de Jesus**, criada ainda em 1534, por Inácio de Loyola (1491-1556). A ação dos padres jesuítas, educados dentro de rígidos princípios disciplinares, foi fundamental para limitar a inserção da doutrina protestante na Ásia, na África e nas Américas, sobretudo nos países colonizados pelos ibéricos.

Anos depois, em 1564, os senhores da Igreja Católica identificaram um importante aliado dos protestantes e trataram de domá-lo. Era a palavra escrita. A criação do *Index Librorum Prohibitorum* (Índice dos Livros Proibidos) visava controlar a produção de livros e outros impressos que pudessem ajudar a difundir ideias adversas à fé católica. Inúmeros autores acabaram entrando nesta listagem sinistra. Entre eles, nomes como estes apresentados a seguir. Chamamos a atenção para a presença de autores dos séculos XIX e XX, o que mostra a perenidade deste expediente da Igreja Católica e a influência das medidas adotadas no Concílio de Trento mesmo séculos depois.



Inácio de Loyola

Companhia Jesus, foi inicialmente um grupo missionário. Dedicou-se também ao ensino, tarefa estratégica na Contra-Reforma. Enfrentou problemas com os jansenistas e teve alguns dos seus teólogos criticados. Foi eliminada em diversos países católicos entre 1759-1768 e 1773. Foi reativada por Pio VI em 1814.



O *Índice dos Livros Proibidos*, publicado pela primeira vez em 1564, censurava obras de autores como Abelardo e Erasmo de Rotterdam. (Fonte: <http://oldlibrarysite.villanova.edu>).

Excerto do Index Librorum Prohibitorum (Índice dos Livros Proibidos) (http://www.fordham.edu/halsall/mod/indexlibrorum.html acesso em 22 set.2009)			
Autor	Nacionalidade	Publicação da obra/ Inserção no Index	Obra(s)
Thomas Hobbes	Inglês	1649/1703	Todos os trabalhos
Rene Descartes	Francês	1663	Todos os trabalhos filosóficos
Michel de Montaigne	Francês	1676	<i>Os ensaios</i>
Benedict Spinoza	Holandês	1690	Todos os trabalhos póstumos
Denis Diderot	Francês	1762/1806	<i>A Enciclopédia</i>
Stendhal (Henri-Marie Beyle)	Francês	1828	Todas as histórias de amor
Victor Hugo	Francês	1834/1869	<i>Os miseráveis</i>
Denis Diderot	Francês	1762-1806	<i>A Enciclopédia</i>
David Hume	Escocês	1828	Todos os trabalhos
Immanuel Kant	Alemão	1827	<i>Crítica da Razão Pura</i>
Jean-paul Sartre	Francês	1948	Todos os trabalhos

O *Index*, inventado no século XVI, foi mais uma arma numa guerra de retomada de espaços. Golpes deste tipo funcionaram como um torniquete e limitaram os avanços protestantes na Itália, em Portugal e na Espanha. A Igreja Católica evitava assim o avanço da doutrina rival. Entre as medidas adotadas, estava também a reedição de um velho expediente: O Tribunal da Inquisição, O Santo Ofício. Poderoso entre os séculos XIII e XIV, voltou à cena em 1542. O alvo principal eram as novas doutrinas cristãs. Mas qualquer um que apresentasse postura suspeita poderia ser investigado, aprisionado, provavelmente torturado e, em muitos casos, morto.

As vítimas da Contra-Reforma acabaram sendo envolvidas sob a denominação de “hereges” e, neste rótulo, quase tudo poderia entrar. Dependia muito da interpretação que fosse feita sobre os seus atos. Foi assim com um dos artistas mencionados na nossa aula sobre o Renascimento (ver aula 4), Paolo Veronese. Ele nos deu um exemplo curioso.

Veronese ganhou notoriedade pelas pinturas de “ceias” como aquela registrada nas *Bodas de Caná*, lembra? Bem, em tempos de desconfiança, tudo poderia ser motivos para arranjar problemas. Nosso amigo Veronese foi contratado para adornar um refeitório e, como era comum, seus clientes solicitaram aquilo que ele fazia melhor, ou seja, a pintura de uma ceia. O trabalho seria realizado no convento dominicano de S. João e S. Paulo, na cidade de Veneza. O lugar, aliás, já havia sido adornado por Ticiano, mas um incêndio, em 1571, destruiu a pintura. Veronese pintou a *Última Ceia*, mas fugindo do modelo estabelecido por Leonardo Da Vinci, com praticamente apenas Cristo e os apóstolos. A cena pintada por Paolo é repleta de gente, festiva, todo mundo, inclusive o próprio Veronese (novamente ele se insere na cena) aparece bem vestido. Trata-se de uma despedida em grande estilo. O pintor concluiu a pintura em abril de 1573. Três meses depois foi chamado para prestar esclarecimentos à Inquisição.



Ceia em casa de Levi. Paolo Veronese 1573.
(Fonte: <http://www.wga.hu>).

Veronese compareceu diante do Tribunal em um sábado. Era 18 de julho e os inquisidores começaram com perguntas rotineiras. Perguntaram-lhe qual a sua profissão. Veronese responde: “Eu pinto e faço imagens”. O Inquisidor: “Você sabe os motivos pelos quais você foi chamado aqui?”. O pintor mantém a calma e responde: “Não”. Continuam cercando-o: “Você pode imaginar quais as razões para isto?”, questionam. Paolo revela: “Eu posso imaginar bem”. Pedem-lhe então que ele diga o que acha ter ocorrido.

Veronese explica que fora contratado por dois religiosos do Monastério de San Giovanni e Paolo. Ele não lembrava seus nomes. As perguntas seguem abordando os motivos para a pintura, as escolhas do pintor. Ao ser perguntado quanto pintou, Veronese procura evidenciar que não é alguém sem amigos na Igreja: “Eu pintei um em Verona para os monges de S.Lázaro; está no refeitório. Outro no refeitório dos Irmãos de S.Giorgio, aqui em Veneza”. O Inquisidor observa: “Mas não é Uma última Ceia”. O pintor segue se defendendo: “Eu pintei outra no refeitório de S. Sebastião em Veneza, outra em Pádua para os Padres de Madalena. Eu não me lembro ter feito outros” (YRIARTE, 2009).

Ao final do processo, depois de muitas discussões sobre a forma como a cena bíblica foi retratada, os juízes exigem que o artista refaça a pintura e ele mesmo pague o material necessário para tanto. Todavia, Veronese foi mais prático. Percebeu o incômodo do Inquisidor e resolveu o problema. Em lugar de mexer na pintura, deu-lhe novo nome. O trabalho passou a se chamar *Ceia em Casa de Levi*. Esta ousadia revela certa fragilidade da Inquisição em regiões como Veneza, algo que ajuda a desmistificar um poder

homogêneo e inclemente. O nosso próximo exemplo, no entanto, é de menor sorte.

O moleiro Domenico Scandela, conhecido por Menocchio, nascido em 1532 na aldeia de Montereale, no Friuli, região do montanhoso norte italiano, foi aprisionado pela Inquisição e processado em 1583. O que Menocchio teria feito? Segundo a documentação consultada por Carlo Ginzburg e analisada na obra *O Queijo e os Vermes*, a acusação foi a de ter pronunciado “palavras heréticas” e “totalmente ímpias” sobre Jesus Cristo (GINZBURG, 2003, p.32). Denunciado à Inquisição, o moleiro foi processado por duas vezes e acabou morto, entre 1600 e 1601. Entre os sofrimentos que enfrentou, esteve a tortura. Ginzburg tentou descrever o que teria ocorrido com Menocchio:



Enquanto um prisioneiro padece sob tortura na “roda” da Inquisição Espanhola, monges ao fundo aguardam pacientemente, com pena e papel, a sua confissão.

(Fonte: <http://history.howstuffworks.com>).

Pediram-lhe que confessasse o nome de seus cúmplices, se não quisesse ser torturado. Respondeu: “Senhor, não me lembro de ter discutido com ninguém”. Tiraram sua roupa e observaram – como era prescrito pelos regulamentos do Santo Ofício – se era apto para a tortura. Enquanto isso, continuavam a interrogá-lo. Respondeu: “Discuti com tantos que agora não me lembro”. Então foi amarrado e novamente lhe perguntaram a verdade sobre seus cúmplices. Mais uma vez respondeu: “Não me lembro”. Levaram-no para a câmara de tortura, repetindo sempre a mesma pergunta. “Pensei muito”, disse, “tentando me lembrar com quem eu tinha discutido, mas não consegui me lembrar”. Foi preparado para a tortura com cordas: “Ó Senhor Jesus Cristo, misericórdia, Jesus, misericórdia, eu não me lembro de ter discutido com ninguém, eu poderia até morrer por ter seguidores ou companheiros, mas eu li por conta própria, ó Jesus, misericórdia”. Deram-lhe o primeiro puxão: “Ó Jesus, coitado de mim, coitado de mim”. “Com quem você discutiu?” – perguntaram-lhe. Respondeu: “Jesus, Jesus, não sei nada”. (...) Ordenaram que lhe fosse dado outro puxão. Enquanto o levantavam, gritou: “Ai de mim, ai de mim, mártir, Senhor Jesus Cristo”. Em seguida: “Senhor, deixem-me em paz que direi qualquer coisa” (GINZBURG, 2003, p.169-170).

Embora Menocchio não possa ser considerado um caso típico, pois afinal de contas era letrado, ousado a ponto de blasfemar publicamente e pretensioso em tentar enganar os inquisidores, ele nos informa sobre traços de sua época. Com a ajuda dele, podemos dizer, por exemplo, que a Reforma contribuiu para amplificar os questionamentos dos populares às práticas dos sacerdotes. Menocchio criticava os padres, chamava-os de ladrões, de enganadores. Tal ousadia certamente teve na onda reformista lançada por Lutero um fator contribuinte. Também podemos pensar na força da imprensa. Os livros, barateados, mais acessíveis, chegavam a lugares antes incomuns. Durante os seus interrogatórios, Menocchio revelou ser um leitor voraz, relacionado a outros pequenos leitores que punham em contraste o conhecimento oriundo da tradição oral com aquele expressado nas tintas e tipos dos poucos livros que lhes chegavam às mãos. Entre estes livros, é possível observar a *Bíblia* em vulgar, isto é, no idioma nacional. Deste modo, não apenas clérigos devidamente acostumados ao latim podiam manejar as *Escrituras*, mas um público diversificado de letrados.

A história de Menocchio ajuda a evidenciar também a força da Inquisição, a forma impiedosa como ela se manifestou no ataque aos “hereges”. Quando, em novembro de 1599, uma última tentativa de protelar a execução do moleiro friuliano foi feita por seu próprio inquisidor, a resposta não podia ser mais direta:

Que Vossa Reverendíssima não falte aos procedimentos no caso daquele camponês (...) indiciado por ter negado a virgindade da beatíssima Virgem Maria, a divindade de Cristo Nosso Senhor, e a providência de Deus, como já lhe escrevi por ordem expressa de Sua Santidade. A jurisdição do Santo Ofício em casos de tamanha importância não pode de modo algum ser posta em dúvida. Assim, execute implacavelmente tudo o que for necessário de acordo com os termos da lei (GINZBURG, 2003, p.192).

CONCLUSÃO

Menocchio e Veronese, evidentemente, não foram presas as únicas da Inquisição. A reativação deste aparelho jurídico pela Contra-Reforma fez milhares de vítimas, principalmente pela Europa. Mas observamos como toda esta movimentação de silenciamento, esta preocupação em encerrar as discussões em torno de Domenico Scandela se relaciona com os problemas trazidos pela Reforma Protestante. A intolerância dos clérigos aflorou através da vontade de defender a sua fé, de preservar o espaço da sua Igreja, de manter sob controle seus fiéis. Nem que para isto fosse preciso matá-los.



RESUMO

Durante a Idade Moderna uma das principais instituições europeias, a Igreja Católica, teve seu poder abalado. A época era propícia a transformações e questionamentos, contudo os clérigos não estavam dispostos a perder seus poderes políticos, econômicos e religiosos numa Europa que se enchia de ouro e se apossava de outros continentes. A Inquisição foi a ferramenta mais incisiva na luta contra aqueles que punham a Santa Sé em dúvida. Com a Contra-Reforma, a Igreja Católica buscava reafirmar seu lugar de destaque na vida de homens e mulheres modernos.



ATIVIDADES

1. Com base no que foi dito nesta aula, elenque as principais iniciativas tomadas pela Igreja Católica e relacione-as com as transformações pelas quais a Europa passava na Idade Moderna.

COMENTÁRIOS SOBRE AS ATIVIDADES

Em meio às mudanças perpetradas pelos novos tempos, a Igreja Católica não parou no tempo e buscou estratégias para disciplinar os fiéis e se aproximar deles.

AUTOAVALIAÇÃO

Ao arrolar o tema discutido nesta aula com as anteriores, o aluno deverá relacionar as informações e estabelecer um olhar crítico sobre as transformações que a Europa vivenciou, lançando um ponto de vista panorâmico sobre as principais mudanças ocorridas no continente entre os séculos XVI e XVIII.



FILMOGRAFIA COMENTADA

CHÉREAU, Patrice. *A Rainha Margot*. França, 1994. 136 min. Sinopse: Num quente mês de agosto de 1572, a bela jovem Marguerite de Valois (Isabelle Adjani), católica, irmã do rei Carlos I (Jean-Hugues Anglade), para obter a paz e consolidar o domínio da França em meio a guerras religiosas, é obrigada por sua mãe - Catarina de Médici (Virna Lisi) - a casar-se com o nobre protestante huguenote Henrique de Navarra (Daniel Auteuil). O casório ocorre em 18 de agosto. Programam-se três dias de festa. Porém, na noite de 24 de agosto ocorre o episódio que ficou conhecido como o Massacre de S. Bartolomeu. Observações: Este é um filme que pode ajudar a refletir sobre diversos conteúdos. O mais didático deles provavelmente é a sequência relativa à noite de São Sebastião, que oferece representações bastante instigantes sobre os atos de intolerância religiosa motivadores dos conflitos entre católicos e protestantes. Além disto, a película pode ser utilizada para apresentar aspectos das discussões sobre a concentração de poder necessária ao rei, bem como os desdobramentos desta concepção na formação dos futuros governos absolutistas.



Capa do DVD do filme *A Rainha Margot*.
(Fonte: <http://img193.imageshack.us>).

REFERÊNCIAS

- BERUTTI, Flávio, FARIA, Ricardo, MARQUES, Adhemar. As Reformas. In: *História Moderna através de textos*. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2003 (Coleção textos e documentos, 3).p.103-129.
- DAVIS, Natalie Zemon. Ritos de violência. In: *Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França moderna*. Trad. Mariza Corrêa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. Col. Oficinas da história. p. 129-156.
- GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes*. 3 ed. Trad. Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Cia da Letras, 2003.
- YRIARTE, Charles. Paolo Veronese Before the Inquisition in Venice. Report of the sitting of the Tribunal of the Inquisition on Saturday July eighteenth, 1573. Disponível em www.efn.org/~acd/veronese.html acesso em 17 out. 2009.